Advento,
Mistério da vinda do filho de Deus em nossa humanidade

O advento nos é dado a cada ano como **'sacramento'** da **vinda** do Filho de Deus em nossa humanidade.

A Constituição litúrgica não fala do advento.

Quem fala dele é o documento *Normas sobre o ano litúrgico,* que define os critérios da reforma do ano litúrgico e do calendário:

“O tempo do advento possui dupla característica: sendo um tempo de preparação para as solenidades do natal, em que se comemora a primeira vinda do Filho de Deus entre os homens, é também um tempo em que, por meio desta lembrança, voltam-se os corações para a expectativa da segunda vinda do Cristo no fim dos tempos. Por este duplo motivo, o tempo do advento se apresenta como um tempo de piedosa e alegre expectativa” (NALC 39).

A primeira vinda se deu em Jesus de Nazaré, o filho de Deus, nascido de Maria, em Belém. Esta Vinda foi anunciada pelos patriarcas e profetas, particularmente por Isaías, e esperada pelo povo de Israel, especialmente pelo pequeno resto: Zacarias, Isabel, João Batista, Maria e José... Simeão e Ana.

A segunda, refere-se a “vinda do Senhor no fim dos tempos”, que a tradição cristã é unânime em esperar e afirmar que será gloriosa.

O advento resulta assim na memória da longa espera do Messias na história, presente como profecia em cada página do Antigo Testamento, desde o livro do Gênesis, até a sua manifestação em Jesus de Nazaré, e expectativa da sua vinda final.

Na organização do advento, a última vinda é evocada nas orações, nas leituras e canto, nas **duas primeiras semanas.**

A partir do 3º domingo, a linguagem verbal e não verbal apontam para a memória da **primeira vinda** celebrada no dia 25 de dezembro.

A diferença de acento existe embora não seja rígida, pois a referência ao natal já está de alguma forma presente no início do advento, e a dimensão escatológica também está presente na segunda parte e na própria festa do natal.

Prefácio I:

Revestido da nossa fragilidade, ele veio a primeira vez para realizar seu eterno plano de amor e abrir-nos o caminho da salvação. **Revestido de sua glória**, ele virá uma segunda vez para conceder-nos em plenitude os bens prometidos que hoje, vigilantes, esperamos.

Este prefácio faz clara alusão a primeira vinda, sem deixar falar da segunda.

São duas vindas mas uma mesma atitude: a "alegre expectativa". O advento é um tempo de exercício do esperançar da Igreja. Nada pode tirar da comunidade que crê, a esperança.

Papa Francisco, Pedro Casaldáliga

Prefácio IA: clara alusão à ultima vinda :

Vós preferistes ocultar o dia e a hora em que Cristo, vosso Filho, Senhor e juiz da História, aparecerá nas nuvens do céu, revestido de poder e majestade. Naquele tremendo e glorioso dia, passará o mundo presente e surgirá novo céu e nova terra. Agora e em todos os tempos, ele vem ao nosso encontro, presente em cada pessoa humana, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, enquanto esperamos a feliz realização do seu Reino.

Este prefácio faz clara alusão aos textos bíblicos do primeiro domingo. Se o dono da casa soubesse a hora, trancaria a porta. Mas como não sabe é preciso vigiar.

E o prefácio diz como devemos vigiar:

Agora e em todos os tempos, ele vem ao nosso encontro, presente em cada pessoa humana, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, enquanto esperamos a feliz realização do seu Reino.

É uma alusão à vinda intermediária de que fala são Bernardo – Ele veio, virá e vem agora.

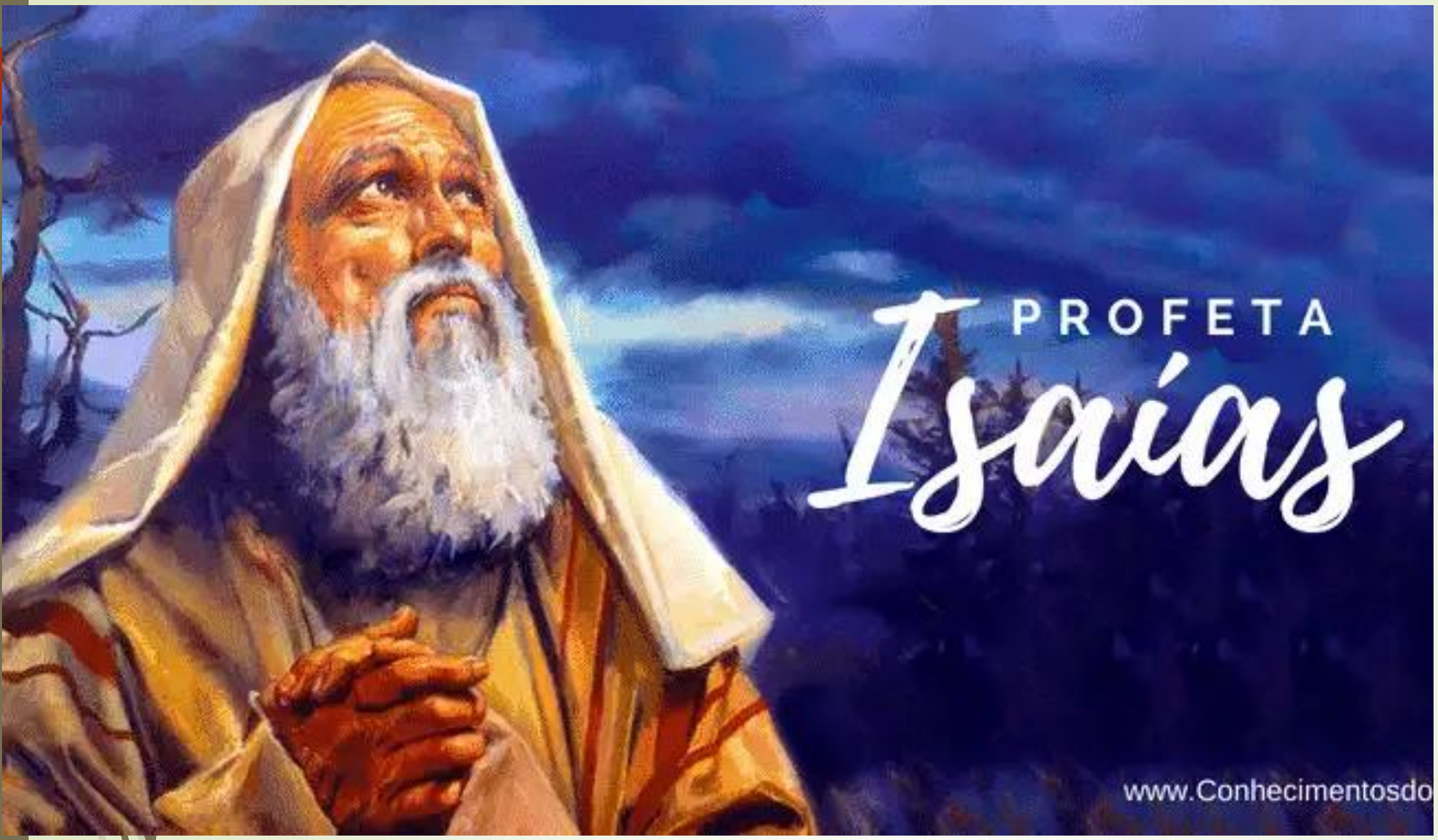
A tríplice vinda - São Bernardo, abade (Séc. XII) -

Conhecemos uma tríplice vinda do Senhor. Entre a primeira e a última há uma **vinda intermediária.** Aquelas são visíveis, mas esta, não. Na primeira vinda o Senhor apareceu na terra e conviveu com os homens. Foi então, como ele próprio declara, que viram-no e não o quiseram receber. Na última, todo homem verá a salvação de Deus (Lc 3,6) e olharão para aquele que transpassaram (Zc 12,10). A vinda intermediária é oculta e nela somente os eleitos o veem em si mesmos e recebem a salvação. Na primeira, o Senhor veio na fraqueza da carne; na intermediária, vem espiritualmente, manifestando o poder de sua graça; na última, virá com todo o esplendor da sua glória.

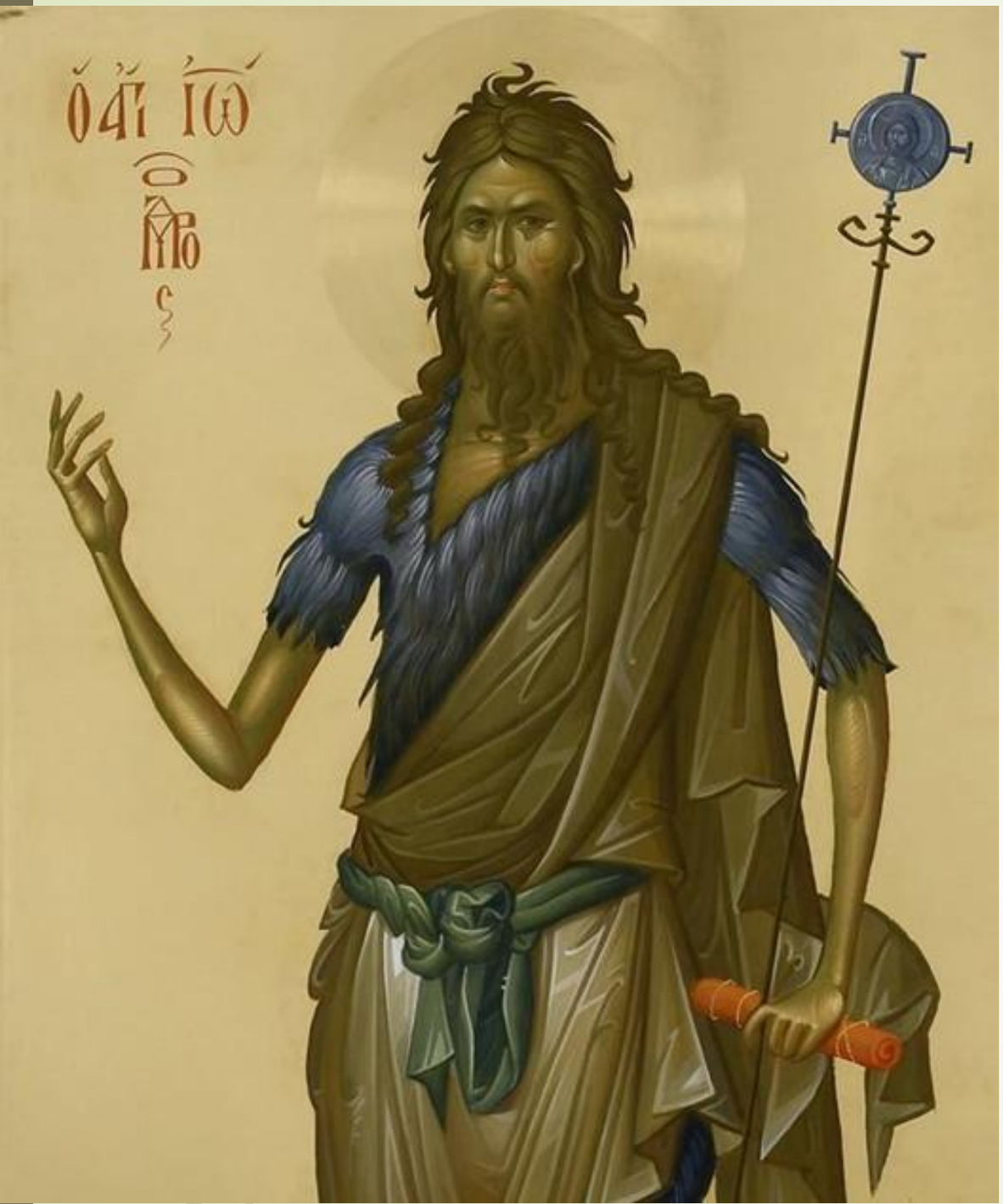
Esta vinda **intermediária** é, portanto, como um caminho que conduz da primeira à última. (...) Mas, para que ninguém pense que é pura invenção o que dissemos sobre esta vinda intermediária, ouvi o próprio Senhor: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e nós viremos a ele (cf. Jo 14,23). (...) Se guardares a palavra de Deus (...) virá o grande Profeta que renovará Jerusalém e fará novas todas as coisas.

Deus vem na Palavra, portanto na liturgia, pois o lugar da escuta da Palavra é **a liturgia.** Ela é o momento atual da história da salvação que começou com a criação, com os patriarcas, com os profetas, e alcançou sua plenitude em Jesus. Agora Ele vem a nós quando estamos reunidos, quando escutamos sua Palavra comunitariamente, quando vamos ao seu encontro na ceia eucarística.

PERSONAGENS



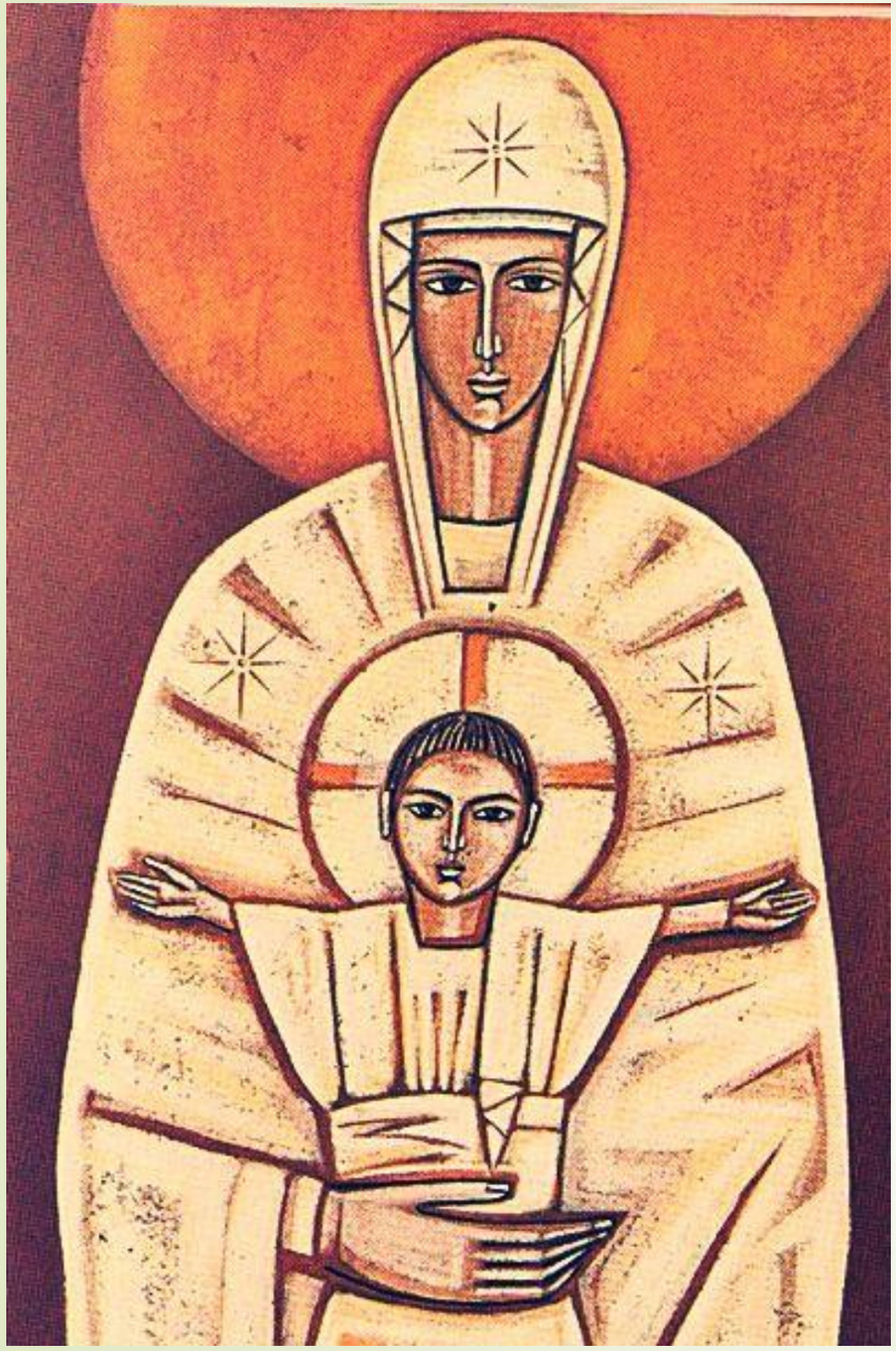
O profeta do desterro



João Batista

a VOZ

que clama no deserto



Maria

A mulher grávida do Verbo, pela escuta da Palavra.

Zacarias, Isabel

Simeão e Ana

Símbolos

- Cor roxa, Sobriedade,

- As velas que vão se acendendo gradativamente como as jovens ao encontro do noivo

Esta “alegre expectava se intensifica” a partir do dia 17 de dezembro.
Estes dias da semana do advento têm sido chamados ‘Semana Santa do Natal”.
Na celebração da liturgia das horas, esta semana é caracterizada pelas ‘Antífonas do Ó’ - Cântico de Maria.

Estas antífonas são dirigidas a Cristo e a cada dia enfocam um título messiânico e a história da salvação completada na pessoa dele: Sabedoria, Adonai (Senhor), Raiz de Jessé, Chave de Davi, Sol do Oriente, Rei das Nações, Emanuel. A cada dia, terminam com uma fervorosa prece (Vem!).

Colocam-nos na atitude espiritual do advento.

A Igreja do Brasil, propôs nestes dias próximos ao natal, uma novena para rezar em família, considerando que as novenas são uma prática de piedade popular e poderia agradar ao povo.

Frei Francisco Van der Poel [fr. Chico] estudioso da piedade popular, considera que as únicas expressões de piedade popular no tempo do Natal, segundo suas tradições, são as folias de reis e as pastorinhas ou lapinhas.

De acordo com ele, as novenas organizadas pela Igreja oficial, geralmente não partem da fé do povo e costumam não valorizar as legítimas expressões da experiência religiosa dos pobres.

De fato, há uma grande diferença entre as duas expressões. Nas rezas da piedade genuinamente popular predomina a ação (cantar, rezar, dançar, acender beijar a bandeira...).

Não há textos escritos. De um ano para outro, a ação ritual é a mesma; não muda ou muda muito pouco; por isso, é sentido por todos como algo conhecido, familiar. Para o povo da piedade popular ter fé é rezar, celebrar, festejar.

De outro lado, nas novenas organizadas nas paróquias e dioceses prevalecem as palavras, as leituras, a reflexão. Tudo vem escrito, tudo deve ser lido, Os ‘símbolos’ são explicados, e assim deixam de atuar como símbolos. A cada ano, muda o ‘tema’, o assunto a ser discutido, os cantos, os ‘símbolos’... o povo segue, não domina a sequência, nem a linguagem. A preocupação parece ser com a doutrinação. Nenhuma preocupação em conectar nem com a piedade popular, nem com a liturgia.

O Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, n. 103, lembra que as novenas tiveram origem na idade media para comunicar ao povo as riquezas da Liturgia, que o povo não tinha acesso e que ela desempenhou uma função valiosa. Mas agora com a reforma litúrgica por isso seria desejável que nos dias 17 a 23 se celebre solenemente o ofício da tarde com as antífonas do ó, agregando elementos da piedade popular.

O ofício Divino que no seu conjunto faz diálogo entre liturgia das Horas e piedade popular, compôs o ofício da novena do natal, assumindo a sequência ritual do ofício da tarde, com suas 7 antífonas, e acrescentou duas antífonas, Ó Mistério e Ó libertação, dando ao nosso ofício da novena um tom latino americano.

Desta forma temos no Brasil uma novena plenamente litúrgica, de acordo com a reforma litúrgica do Concilio, em diálogo com a piedade popular.

A sequência ritual é a mesma a cada ano.

O *Ofício Divino das Comunidades*, , colocou a riqueza destas veneráveis antífonas de novo ao alcance de todo o povo sacerdotal, Traduziu em linguagem poética e musical brasileira toda a riqueza bíblico-teológica das sete antífonas da liturgia romana.

A título de exemplo, vejamos esta:

5º dia

Ó... Ó de Jessé raiz:
Estandarte bem alto levantado,
Um sinal para todas as nações,
Frente a ti ficam mudos os barões,
Clama o povo e só quer ser escutado:
Vem, Senhor, libertar o escravizado;
Não demores, escuta as orações, ó, ó.

Vem, ó Filho de Maria;
Vem, dos tristes alegria!
Quanta sede, quanta espera,
Quando chega, quando chega aquele dia?... (bis)